

Escola Autônoma reduz custos

GAZETA MERCANTIL

Experiência desenvolvida no estado de Tocantins desde o ano passado, melhora o ensino nos colégios estaduais e derruba despesas com água, luz e telefone

Marina Oliveira
de Brasília

Especial para GZMDF

Escolas públicas com muito dinheiro, salas de estoque lotadas de equipamento – retroprojetor, vídeo cassete, televisão – e bibliotecas cheias de livros novos. Parece filme americano, mas esse é o retrato dos colégios estaduais de Tocantins, desde o início de 1998, quando o governo começou a repassar dinheiro direto para escola.

A experiência conhecida como Escola Autônoma, estabeleceu que cada colégio receberia um valor fixo por aluno matriculado. Em 1998, as matrículas das primeira quatro séries do ensino fundamental valiam R\$ 25 e as de quinta a oitava, R\$ 35. Desse valor, o governo retirava os custos com a folha de pagamento de funcionários, encargos sociais e uma taxa de manutenção de 15% para a Secretaria de Educação. No final sobrava uma média de R\$ 10 por aluno. Parece pouco, mas escolas grandes chegaram a receber R\$ 30 mil por mês.

Para poder participar a escola precisava criar uma Associação de Pais e Professores, presidida pelo diretor da escola. Além disso, era necessário apresentar um projeto político-pedagógico, com uma definição de qual seria a atuação da escola junto a comunidade e dos valores éticos que seriam ensinados aos alunos. Hoje, todos os 500 colégios estaduais de Tocantins têm associações formadas e recebem recursos direto do governo. As contas de cada escola são apresentadas anualmente ao Tribunal de Contas do Estado (TCE), res-

ponsável pela fiscalização.

Depois de quase um ano e meio, os efeitos da experiência apareceram de maneira surpreendente na estrutura física da rede pública. Um exemplo da mudança foi a diminuição drástica nas despesas com água, luz e telefone. “Quando a secretaria pagava as contas ninguém se preocupava com o valor. Vazamentos passavam despercebidos, problemas de fiação não eram verificados”, conta Danilo Melo, assessor de planejamento da Secretaria de Educação do estado. Em algumas escolas, medidas simples como a troca de canos velhos fizeram com que contas de água de R\$ 1 mil caíssem para R\$ 200.

Processos de pequenas reformas, compra de carteiras, material de consumo do dia-a-dia – como giz, lápis, borracha, etc -,

tudo isso passou a ser responsabilidade da escola e com isso ganharam muito mais agilidade. “A secretaria antes tinha de se preocupar com tudo, de reposição de vidro quebrado a compra de panela para cantina”, diz Danilo. O resultado era uma insatisfação generalizada: de um lado as escolas tinham de esperar muito tempo para conseguir o que queriam e as secretarias não tinham condições de cumprir sua função de planejar e executar políticas educacionais.

Na Escola Estadual Paraíso do Norte, a 60 quilômetros de Palmas, o dinheiro repassado para os 1,3 mil alunos provocou uma pequena revolução. A evasão foi zerada e a repetência caiu em 50%. O segredo, segundo a diretora Vera Martins, foi a participação da comunidade.

“Os pais e a comunidade

sentiam que não tinham como mudar as coisas, mas quando a associação passou a ter dinheiro para aplicar no que julgasse importante, as pessoas ganharam poder e se animaram a participar”, observa. Em Paraíso, houve uma opção clara da comunidade pelo investimento na área pedagógica.

A biblioteca foi modernizada, incluindo assinaturas de revistas como Veja, a National Geographic, Nova Escola e até Mundo Jovem. “Hoje tenho prazer em ensinar porque os meios para fazer uma aula variada e interessante estão a minha disposição e com isso prendo a atenção dos alunos” afirma Socorro Rocha, professora de matemática de sétima e oitava série. Os professores também receberam treinamento em educação artística, matemática, literatura e até relações humanas, para evitar o estresse, dado por especialistas contratados na universidade federal do estado, tudo pago pela escola.

A qualidade da escola pública ganhou fama na cidade e hoje grande parte das matrículas novas são de filhos da classe média que deixaram colégios particulares para estudar no Paraíso.

No período noturno, a escola recebe alunos carentes, a maioria adolescentes que trabalham durante o dia, empregadas domésticas e caseiros. “A associação resolveu dar uma assistência a esses meninos e compra uniforme e material didático, além de trazer profissionais de odontologia e saúde que oferecem consultas gratuitas uma vez por mês”, comemora Esmeralda Moraes, coordenadora do noturno. (Cont. Pág. 6)

